A Obra Futura
Org. *Samuel Leon*

O Nariz e A Terrível Vingança
N.V. Gógol

Reflexão Crítica
Arlete Cavaliere

Capa e projeto gráfico:
Carlos Clémen

Revisão:
Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Composição:
Linoart

Fotolitos:
Binhos Fotolitos

Impressão:
Press Grafic

1.ª Edição: 1986
3000 exemplares

Copirraite da tradução
e do estudo "Reflexão Crítica"
Arlete Cavalieri

Copirraite da
presente edição
Editora Max Limonad
Rua Quintino Bocaiúva, 191 - 4.º andar
CEP 01004 - São Paulo - SP
Tel: 357393

Nicolai Gógol

O Nariz
e A terrível vingança

Arlete Cavaliere
Reflexão Crítica

EDITORA Max Limonad LTDA
Rua Quintino Bocaiuva, 191 - 4º andar s/41
CEP 01004 - São Paulo - SP - Fone 35-7393

O Nariz

I

No dia 25 de março aconteceu em Petersburgo um fato extraordinariamente estranho. O barbeiro Ivan Iákovlievitch, residente na avenida Vosnesênski (o seu sobrenome perdera-se [1], e até mesmo em sua placa — onde se via um senhor com a bochecha ensaboada e a seguinte inscrição: "Faz-se também sangria" — não aparecia nada mais), o barbeiro Ivan Iákovlievitch acordou bastante cedo e sentiu o cheiro de pão quente. Soerguendo-se um pouco da cama, viu que sua esposa, uma senhora bastante respeitável e que gostava muito de tomar café, acabava de tirar os pães recém-assados do forno.

"Hoje, Prascóvia Óssipovna, eu não tomarei café", disse Ivan Iákovlievitch: "em lugar disso, gostaria de comer pão quente com cebola". (Quer dizer, Ivan Iákovlievitch queria um e outro, mas sabia que era absolutamente impossível exigir duas coisas ao mesmo tempo, já que Prascóvia Óssipovna não gostava nada nada daqueles caprichos.)

"Que coma o pão o bobão; melhor pra mim", pensou consigo mesma a esposa: "vai sobrar uma

1 Os nomes próprios completos em russo são formados de nome, patronímico e sobrenome (que indica a família a que pertence). No conto, Ivan é o nome, Iákivlievitch é o patronímico (filho de Iákov) e o "sobrenome ele perdeu", segundo o narrador.

porção a mais de café", e jogou um pão sobre a mesa.

Ivan Iákovlievitch, conforme mandava o bom tom, vestiu fraque sobre o camisolão e, sentando-se à mesa, pôs o sal, preparou duas cabeças de cebola, pegou a faca na mão e, fazendo um gesto expressivo, pôs-se a cortar o pão. Cortando o pão em duas metades deu uma olhada no meio e, para sua grande surpresa, viu algo esbranquiçado. Ivan Iákovlievitch remexeu cautelosamente com a faca e tocou com o dedo:

"Duro?", disse para si mesmo: "Que será isso?"

Meteu os dedos e tirou — um nariz ... Ivan Iákovlievitch deixou cair os braços, começou a esfregar os olhos e a palpar: um nariz, realmente, um nariz! E ainda por cima pareceu-lhe não de todo estranho. O horror se refletiu no rosto de Ivan Iákovlievitch. Mas este horror não foi nada, comparado com a indignação que se apoderou de sua esposa.

"Animal, de onde você cortou esse nariz?", gritou furiosa. "Vigarista! Bêbado! Eu mesma vou denunciar você à polícia. Que bandido! Eu já ouvi três pessoas dizerem que quando você faz a barba puxa tanto os narizes que eles mal se aguentam".

A essa altura, Ivan Iákovlievitch estava mais morto do que vivo. Reconheceu que aquele nariz só podia ser do assessor de colegiatura Kovalióv[2] de quem fazia a barba todas as quartas e domingos.

"Espera, Prascóvia Óssipovna! Vou colocá-lo num cantinho embrulhado num trapo: deixa ele ficar lá um pouquinho; depois eu tiro".

"Não quero nem ouvir! Acha que vou permitir que no meu quarto fique um nariz cortado?,... Seu

[2] Os diferentes cargos do funcionalismo russo na época eram designados por denominações bastante pomposas. Existia uma infinidade de cargos dentro da complexa hierarquia das repartições públicas e aos nomes mais complicados muitas vezes correspondiam cargos pouco significativos. Assessor de Colegiatura (em russo коллежский асессор) indica o grau de 8.ª classe, equivalente no quadro militar ao grau de major. Graças à arbitrariedade da administração no Cáucaso era o mais fácil de ser obtido.

torrada queimada![3] Só sabe é passar a navalha na correia, mas daqui a pouco não estará em condições nem mesmo de cumprir com seu dever, seu canalha, mulherengo! Acha que vou responder por você na polícia?... Ah! Sujo, burro como uma porta. Fora daqui! Leve-o para onde quiser! Não quero sentir nem o cheiro dele!"

Ivan Iákovlievitch ficou completamente abatido. Pensava, pensava, mas não sabia o que pensar.

"Só o diabo sabe como é que isto aconteceu", disse finalmente coçando atrás da orelha. Teria eu voltado bêbado ontem, ou não? Já não sei ao certo, não. Mas, de qualquer maneira, deve ser um acontecimento fora do comum: pois o pão é uma coisa assada e o nariz não é nada disso. Não entendo mais nada!" Ivan Iákovlievitch calou-se. A idéia de que a polícia descobriria o nariz em sua casa e o culparia, deixou-o completamente atordoado. Parecia que já estava até vendo a gola vermelha com bordados bonitos em prata, a espada... e ele tremia no corpo todo. Por fim, achou sua roupa de baixo e as botas, vestiu todos estes trapos e, acompanhado pelas duras invectivas de Prascóvia Óssipovna, embrulhou o nariz em um trapo e saiu para a rua.

Queria enfiá-lo em qualquer canto: ou num frade de pedra ao lado de algum portão ou deixá-lo escapar da mão como que acidentalmente e aí virar logo numa esquina. Mas, para sua desgraça, estava sempre dando com algum conhecido que lhe perguntava de chofre:

"Para onde você está indo?" ou "De quem vai fazer a barba tão cedo?".

Dessa maneira, Ivan Iákovlievitch não conseguia achar um minuto sequer de tranqüilidade. Numa das vezes ele já tinha até deixado o nariz cair, quando um sentinela de longe lhe fez sinais com a alabarda, dizendo:

"Ei! Pega lá! Você deixou cair alguma coisa!",

[3] Literalmente a expressão сухарь поджаристый ("sukhár padjáristi") significa "torrada torradinha" e foi transposta na tradução inicial por "pão seco", modificada depois por "sua torradinha" e, finalmente, optamos por "seu torrada queimada".

e Ivan Iákovlievitch teve que pegar de novo o nariz e escondê-lo no bolso.

O desespero tomou conta dele, principalmente quando viu que o número de pessoas aumentava na rua à medida que começavam a abrir lojas e bazares [4].

Decidiu ir em direção à ponte Issakievski: será que não daria jeito de atirá-lo no Nievá?... Mas sinto-me um tanto culpado por não ter falado até agora sobre Ivan Iákovlievitch, homem de respeito, sob muitos aspectos.

Ivan Iákovlievitch, como todo artesão russo honrado era um tremendo beberrão. E embora barbeasse o queixo dos outros todos os dias, o seu próprio estava eternamente sem barbear. O fraque de Ivan Iákovlievitch (Ivan Iákovlievitch nunca usava sobrecasaca) era malhado [5]; quer dizer, era preto, mas estava todo coberto de manchas cinzas e de um marrom amarelado; a gola brilhava e no lugar dos três botões só estavam penduradas as linhas. Ivan Iákovlievitch era um grande cínico e quando, na hora de barbear, o assessor de colegiatura Kovalióv lhe dizia: "Suas mãos, Ivan Iákovlievitch, sempre fedem!", então Ivan Iákovlievitch respondia com a seguinte pergunta: "E por que será que elas fedem?" "Não sei, irmãozinho. Só sei que fedem", dizia o assessor. E Ivan Iákovlievitch por isso mesmo, depois de cheirar o tabaco, o ensaboava nas bochechas debaixo do nariz, atrás da orelha e debaixo da barba, quer dizer, onde lhe dava na telha [6].

Este cidadão respeitável já se encontrava na ponte Issakievski. Antes de mais nada, olhou atentamente para todos os lados, depois inclinou-se sobre o parapeito como se quisesse ver se eram muitos os

4 лавочка ("lávotchka") foi traduzido por "bazar" por se tratar em russo de lojas pequenas onde são vendidos diferentes tipos de produtos.

5 пегий ("Piéguii") malhado, mesclado. É um adjetivo especial para cavalos que foi conservado pela ironia.

6 A expressão где только ему была охота (gdiê tol'ka iemú bilá akhota) é uma expressão popular e significa literalmente: "onde ele somente tinha vontade". Procuramos uma expressão popular correspondente em português: "onde lhe dava na telha".

peixes que nadavam sob a ponte, e aí jogou bem devagarinho o trapo com o nariz. Sentiu-se como se lhe tivessem tirado de cima 10 puds de uma só vez [7]: Ivan Iákovlievitch até sorriu. E ao invés de ir barbear os queixos dos burocratas, dirigiu-se a um estabelecimento que tinha o letreiro: "Comida e Chá", para pedir um copo de ponche. Mas de repente, notou na extremidade da ponte o inspetor do bairro [8] de aspecto imponente, costeletas compridas, chapéu triangular e espada. Ficou petrificado. Entrementes, o inspetor, fazendo-lhe um sinal com o dedo lhe disse:

"Venha cá, meu caro!"

Ivan Iákovlievitch, reconhecendo o uniforme, tirou ainda de longe o boné e, aproximando-se com prontidão, disse:

"Tenha um bom dia, excelência".

"Não, não, irmãozinho, nada de excelência; mas diga-me o que você estava fazendo de pé ali na ponte?"

"Por Deus, senhor, eu fui fazer barbas e só dei uma olhada para ver se o rio corria bem".

"Está mentindo! Mentindo! Não é assim que vai se livrar não. Faça o favor de responder."

"Eu posso fazer a barba de Vossa Excelência duas ou até três vezes por semana sem a mínima objeção", respondeu Ivan Iákovlievitch.

"Não, amigo, deixa de bobagem! Três barbeiros já me fazem a barba e consideram isso uma grande honra. Agora faça-me o favor de dizer o que estava fazendo ali?"

Ivan Iákovlievitch empalideceu... Mas aqui o acontecimento fica completamente encoberto por uma névoa e não se sabe absolutamente nada do que se passou depois.

7 "pud" é uma antiga medida russa de peso:
1 pud = 16,3 kg.

8 квартальный надзиратель ("kvartal'nii nadzirátel"). Tratava-se de um responsável por determinadas ruas e quarteirões e que tinha a função de uma espécie de zelador, vigia e guarda da área que é de sua responsabilidade.

II

O assessor de colegiatura Kovalióv acordou bastante cedo e fez com os lábios: brr..., coisa que sempre fazia ao despertar, embora ele mesmo não soubesse explicar por qual motivo. Kovalióv espreguiçou-se e ordenou que lhe trouxessem um pequeno espelho que estava sobre a mesa. Só queria dar uma olhada na espinhazinha que tinha aparecido em seu nariz na noite anterior; mas para sua imensa surpresa viu que em vez de nariz havia uma superfície completamente lisa. Assustado, Kovalióv pediu água e esfregou os olhos com uma toalha: de fato o nariz não estava lá! Começou a apalpar com a mão para se certificar de que não estava dormindo: não, não estava. O assessor de colegiatura Kovalióv pulou da cama e estremeceu: nada de nariz!... Ordenou que o vestissem imediatamente e saiu voando direto para a chefatura de polícia.

Enquanto isso é indispensável dizer alguma coisa sobre Kovalióv para que o leitor possa saber de que espécie era esse assessor de colegiatura.

Não se pode comparar de nenhuma maneira os assessores de colegiatura que recebem este título através de certificados acadêmicos com aqueles assessores de colegiatura que se fazem lá no Cáucaso. São duas espécies completamente diferentes. Os assessores de colegiatura acadêmicos... Ah! Mas a Rússia é uma terra tão maravilhosa que se você falar de um assessor de colegiatura, todos os assessores de colegiatura, de Riga até Kamtchátka, imediatamente se sentirão atingidos. O mesmo se diga de todos os outros cargos e graus.

Kovalióv era um assessor de colegiatura caucasiano. Estava nesse cargo apenas há dois anos e nem por um minuto podia se esquecer disso, e, para se atribuir ainda mais nobreza e peso, ele nunca se referia a si própria como assessor de colegiatura, mas como major. "Escute, pombinha", dizia habitualmente ao encontrar uma mulher vendendo peitilhos na rua: "Vá à minha casa; meu apartamento é na Sadóvaia; pergunte apenas se mora ali o major Kovalióv e qualquer um vai lhe mostrar". Caso ele encontrasse alguma jeitosa[9], então dava-lhe um bilhete secreto que dizia: "Você pergunta, benzinho, pelo apartamento do major Kovalióv". E é por isso mesmo que de agora em diante vamos chamar de major a este assessor de colegiatura.

O major Kovalióv tinha o hábito de perambular todos os dias pela Avenida Niévski. O colarinho de seu peitilho estava sempre extremamente limpo e engomado. Suas costeletas eram daquele tipo que ainda se pode ver nos agrimensores da província, nos arquitetos (mas só se forem russos), e também nos diferentes policiais, cumpridores de seu dever e, em geral, em todos aqueles machões[10] que tem bochechas cheias e coradas e sabem jogar bóston muito bem: essas costeletas passam exatamente pelo centro das bochechas e vão diretamente até o nariz. O major Kovalióv levava uma grande quantidade de sinetes de cornalina com brasões e com gravado: quarta-feira, quinta-feira, segunda-feira, etc. O major Kovalióv chegou a Petersburgo por necessidade, ou melhor, para procurar um posto mais condizente com seu cargo: se tivesse sorte, quem sabe, até de vice-governador, ou, pelo menos, de administrador de algum departamento de renome. O major Kovalióv não teria nada contra o casamento, mas só no caso de acontecer da noiva ter uma fortuna de duzentos mil rublos. E assim, o leitor pode avaliar agora em que situação se viu este major quando percebeu que ao invés de seu nariz, certinho e nada feio, havia este estúpido lugar, plano e liso.

Para sua desgraça, não aparecia na rua nenhum cocheiro e ele teve que ir a pé, envolto em sua capa,

---

[9] Literalmente смазливенькая ("smazlivenkaia") significa: "beleza adocicada" do verbo смазать ("smázat'"): untar, lubrificar. Adotamos as seguintes soluções: "tetéia", "boazuda", mas nos pareceram por demais vulgares. Então optamos por "jeitosa" por corresponder mais fielmente ao tom gogoliano.

[10] муж ("muj") literalmente significa marido, esposo e também homem. No conto, o emprego da palavra tem uma certa conotação pejorativa: homens de idade madura, "respeitáveis" e "honrados", ligada a um contexto semântico de tom bastante irônico. Daí nossa opção por "machões" em lugar de simplesmente "homens".

cobrindo o rosto com um lenço, dando mostras de que estava sangrando. "Quem sabe é apenas impressão minha, não pode ser que um nariz desapareça assim, de bobeira." Entrou numa confeitaria com o propósito de olhar-se no espelho. Por sorte, não havia ninguém lá; uns rapazinhos varriam as salas e colocavam as cadeiras; alguns deles, de olhos sonolentos, retiravam nas bandejas os pasteizinhos quentes; nas mesas e cadeiras estavam jogados os jornais da véspera manchados de café. "Bom, graças a Deus que não há ninguém", falou: "agora posso olhar". Aproximou-se timidamente do espelho e deu uma olhada. "Com os diabos, que droga!" disse cuspindo... "Ainda se tivesse alguma coisa no lugar do nariz, mas nada!..."

Mordendo os lábios de ódio, saiu da confeitaria e decidiu, contrariando seu costume, não olhar e nem sorrir para niniguém. De repente, ficou petrificado junto à porta de uma casa; diante de seus próprios olhos, ocorreu um fenômeno inexplicável: em frente à entrada uma carruagem parou; as portinholas se abriram e, inclinando-se um pouco, saltou um senhor de uniforme e subiu correndo a escada. E qual não foi o espanto e ao mesmo tempo a surpresa de Kovalióv quando reconheceu o seu próprio nariz! Diante deste espetáculo extraordinário pareceu-lhe que tudo girava diante de seus olhos; sentiu que mal podia se manter em pé. Mas, de qualquer forma, tremendo como que de febre, resolveu esperar que voltasse à carruagem. E, com efeito, ao cabo de dois minutos o nariz saiu. Usava um uniforme bordado em ouro, com uma gola alta, calças de camurça e uma espada do lado. Pelo chapéu de plumas podia-se concluir que ele se considerava um conselheiro de Estado. Tudo indicava que ia para algum lugar fazer visita. Deu uma olhada para ambos os lados e gritou ao cocheiro: Vamos! Sentou-se e partiu.

O pobre Kovalióv quase perdeu o juízo. Não sabia o que pensar deste acontecimento tão estranho. Com efeito, como era possível um nariz que no dia anterior estava em seu rosto e que não podia correr e nem andar, estar agora metido num uniforme! Pôs-se a correr atrás da carruagem que, por sorte, não

tinha ido muito longe e havia parado bem em frente da catedral de Kazan.

Dirigiu-se apressado para a catedral, abriu caminho por entre uma fila de pobres velhinhas que tinham os rostos tão cobertos que só havia duas aberturas para os olhos e das quais antes costumava rir tanto, e entrou na igreja. Eram poucos os fiéis lá dentro e estavam todos apinhados na entrada, junto à porta. Kovalióv sentia-se tão desolado que não teve absolutamente forças para rezar e procurou com os olhos aquele senhor por todos os cantos. Por fim, viu-o de pé ao lado. O nariz escondera completamente o rosto numa gola grande e alta, e rezava com uma expressão de profunda devoção.

"Como me aproximar dele?", pensou Kovalióv. "Pelo uniforme, pelo chapéu, por tudo, parece que é um conselheiro de Estado. Com os diabos, como fazer?!"

Começou a tossir perto dele, mas o nariz nem por um minuto abandonou sua atitude devota e as reverências que continuava fazendo.

"Excelentíssimo senhor..." disse Kovalióv, esforçando-se por mostrar-se mais animado: "Excelentíssimo senhor..."

"O que deseja?", respondeu o nariz, virando-se.

"É estranho, excelentíssimo senhor... me parece... o senhor deveria saber o seu lugar. E de repente o encontro justamente onde? Na igreja. O senhor há de convir..."

"Queira desculpar, mas eu não entendo o que o senhor está tentando me dizer. Explique-se."

"Como lhe explicar?!", pensou Kovalióv e, recobrando o ânimo, recomeçou: "Bem, é claro, eu... aliás, eu sou major. O senhor há de convir que é inconveniente que eu ande sem nariz. Qualquer vendedora que vende laranjas descascadas na ponte Voskresênski pode ficar ali sentada sem nariz, mas um rosto que aspira ao cargo de governador, sem dúvida alguma... imagine o senhor mesmo... não sei, excelentíssimo senhor... (então o major Kovalióv encolheu os ombros)... me desculpe... mas se considerar isto de acordo com as regras do dever e da honra... o senhor mesmo poderá compreender..."

"Não estou entendendo absolutamente nada", respondeu o nariz. "Explique-se de forma mais conveniente".

"Excelentíssimo senhor...", disse Kovalióv com um sentimento de amor próprio: "não sei como entender suas palavras... Aqui, tudo me parece muito claro... Ou se o senhor quiser... pois, o senhor é o meu próprio nariz!"

O nariz olhou para o major e suas sobrancelhas franziram-se um pouco.

"O senhor está enganado, cavalheiro. Eu sou eu mesmo. Além do mais, entre nós não pode haver nenhuma relação íntima. A julgar pelos botões de seu uniforme o senhor deve pertencer ao Senado ou, quando muito, à Justiça; eu já sou do Departamento de Instrução". Dizendo isto, o nariz deu as costas e continuou rezando.

Kovalióv sentiu-se completamente desconcertado, sem saber o que fazer e nem mesmo o que pensar. Nesse momento, ouviu-se um ruído agradável de um vestido de mulher; aproximou-se uma senhora de certa idade toda envolta em rendas, acompanhada de uma jovem muito delicada, num vestido branco que desenhava com muita graça seu talhe esbelto, e com um chapéu cor de palha leve como um biscoito. Atrás delas parou e abriu uma tabaqueira um senhor alto, com grandes costeletas e uma dúzia inteira de golas.

Kovalióv se aproximou mais um pouco, pôs à mostra a gola de cambraia do peitilho, arrumou seus sinetes que pendiam da corrente de ouro e, sorrindo para os lados, concentrou sua atenção na frágil mulher que, como uma flor de primavera, se inclinava suavemente e levava à testa sua mãozinha branca de dedos diáfanos.

O sorriso no rosto de Kovalióv abriu-se ainda mais quando viu sob o chapéu o queixo redondinho de uma brancura radiante e uma parte de sua face coberta pela cor da primeira rosa da primavera. Mas, de repente, deu um salto para trás como se tivesse se queimado. Lembrou-se de que onde deveria haver um nariz não havia absolutamente nada e as lágrimas brotaram em seus olhos. Virou-se rapidamente

com o objetivo de dizer, sem rodeios, àquele senhor de uniforme que estava fingindo ser um conselheiro de Estado, que ele era um patife, um canalha e que era nada mais, nada menos de que seu próprio nariz... Mas o nariz já não estava lá: tinha tido tempo suficiente de escapulir, provavelmente para fazer alguma outra visita.

Isto levou Kovalióv ao desespero. Andou para trás e se deteve por um minuto diante da coluna, olhando minuciosamente para todos os lados para ver se encontrava o nariz em algum lugar. Lembrava-se perfeitamente que o chapéu dele tinha plumas e o uniforme era bordado em ouro; mas não reparara nem no capote, nem na cor da carruagem, nem nos cavalos e nem tão pouco se havia atrás dela algum lacaio e que libré vestia. De mais a mais, havia tantas carruagens correndo de um lado para outro e com tanta velocidade que se tornava difícil até mesmo distingui-las. E ainda que conseguisse identificar alguma delas, não teria meios para fazê-la parar.

O dia era maravilhoso e ensolarado. Na Avenida Niévski havia uma multidão de gente. Uma verdadeira cascata florida de damas derramava-se por toda a calçada desde a ponte da Polícia até Anitchikov. Lá estava um conselheiro da corte, conhecido seu, a quem chamava de tenente-coronel, especialmente se isso acontecia na presença de estranhos. Lá estava também Iárichkin, chefe de despacho no Senado, grande amigo seu que sempre dobrava o lance quando jogava um oito no bóston [11]. E eis também um outro major que obteve esse grau no Cáucaso e que acenava para que ele fosse lá...

"Mas que diabo!", disse Kovalióv. "Ei, cocheiro, direto ao comissário de polícia!"

Kovalióv sentou-se no drojki [12] e gritou ao cocheiro: "Vai a todo vapor!"

"Está aí o comissário de polícia?", exclamou já no saguão.

---

[11] O jogo "bóston" é uma modalidade de carteado para quatro parceiros.

[12] A дрожки ("drojki") é um tipo de carruagem simples, aberta e mais utilizada pelo povo em geral.

"Não senhor", respondeu o porteiro: "acaba de sair".

"Só faltava essa!"

"Pois é", acrescentou o porteiro: "não faz muito tempo que saiu. Se chegasse um minutinho antes, talvez ainda o encontrasse em casa".

Kovalióv sem tirar o lenço do rosto, jogou-se para o cocheiro e gritou com uma voz desesperada:

"Vamos".

"Para onde?", perguntou o cocheiro.

"Vamos em frente!"

"Como em frente? Aqui é uma curva: para a direita ou para a esquerda?"

Esta pergunta fez Kovalióv parar e o obrigou novamente a pensar. Na sua situação, antes de mais nada, era preciso recorrer à Delegacia de Ordem Pública [13], não apenas porque o caso tinha relação direta com a polícia, mas também porque suas disposições poderiam ser muito mais rápidas do que em outros lugares. Procurar então satisfação com o chefe da repartição da qual o nariz se dizia funcionário seria insensato, pois, pelas próprias respostas do nariz, já se podia perceber que para este homem nada era sagrado. Poderia inclusive mentir neste caso, como já tinha mentido, assegurando-lhe que nunca o tinha visto antes.

E assim, Kovalióv já estava prestes a ordenar que o levassem para a Delegacia de Ordem Pública quando de novo lhe ocorreu a idéia de que aquele patife e trapaceiro, que já no primeiro encontro tinha se portado de uma maneira tão desonesta, poderia tranqüilamente ter-se aproveitado deste tempo todo para fugir da cidade. E então, toda a busca seria

[13] A tradução literal de **Управа Благочиния** ("Upráva Blagotchínia") seria: Departamento da Justiça para fazer o Bem, a decência. Palavra formada de **благо** ("blágio"): Bem **ченить** ("tcheníit"): fazer, consertar. Trata-se de um Departamento policial que administrava também algumas causas judiciais. Instituídos por Katarina II, esses Departamentos foram fechados por Pedro I e novamente restabelecidos em Moscou e Petersburgo, por Alexandre I.

vã ou poderia se estender, que Deus o livrasse, por um mês inteiro.

Por fim, pareceu-lhe ter recebido uma iluminação celeste. Decidiu ir direto à sede do jornal e publicar, o quanto antes, uma descrição pormenorizada de todas as suas características para que aquele que o encontrasse pudesse entregá-lo na mesma hora, ou pelo menos, informar o seu paradeiro. E então, tomada essa decisão, ordenou ao cocheiro que fosse à sede do jornal e durante todo o percurso não deixou de bater com os punhos nas costas do cocheiro, repetindo:

"Mais depressa, idiota! Mais rápido patife!" — "Ai, senhor!", dizia o cocheiro sacudindo a cabeça e açoitando o cavalo cujo pelo era comprido como o de um cachorro maltês. A drojki finalmente parou e Kovalióv, ofegante, entrou correndo numa salinha de recepção onde um funcionário de cabelos grisalhos, de óculos e com um fraque surrado, estava sentado atrás de uma mesa, segurando a pena com os dentes e contando moedas de cobre.

"Quem é que recebe anúncios aqui?", gritou Kovalióv. "Ah, bom dia!"

"Meus cumprimentos", disse o funcionário grisalho, levantando os olhos por um minuto e baixando-os novamente para as pilhas de dinheiro já separadas.

"Eu gostaria de publicar..."

"Com licença, por favor, queira aguardar um pouco", disse o funcionário escrevendo um número num papel com uma mão e mudando duas contas no ábaco com a outra. Um lacaio com galões e aspecto de quem servia em uma casa artistocrática, de pé junto à mesa, com um bilhete nas mãos, achou conveniente dar mostras de sua sociabilidade: "Creia-me, senhor, esta cachorrinha não vale nem oito grívenes [14] e eu não daria por ela nem oito groshes [15]; mas a condessa gosta tanto dela, Santo Deus, como gosta, e dá cem rublos para quem a encontrar. Agora, cá entre nós, posso dizer, com todo respeito, que

[14] "grívenik": moeda russa equivalente a 10 copeques.

[15] gróch: antiga moeda russa equivalente a 1/2 copeque. Dinheiro bem miúdo.

os gostos das pessoas são completamente diferentes: se fosse um perdigueiro ou um poodle, não teria pena de dar quinhentos ou até mil rublos, mas aí já se trataria ao menos de um bom cachorro."

O respeitável funcionário escutava com ar bastante expressivo e ao mesmo tempo fazia o cálculo de quantas letras havia no bilhete. Dos lados estavam muitas velhas comerciantes e porteiros, todos eles com bilhetes nas mãos. Num dizia-se que um cocheiro de conduta irrepreensível oferecia seus serviços; um outro anunciava uma caleça de pouco uso, trazida de Paris em 1814; num outro dispensava-se uma jovem criada de dezenove anos treinada para serviço de lavanderia, estando apta também para outros trabalhos. Além disso, uma drojki muito resistente só que sem um amortecedor; um novo e fogoso cavalo malhado de dezessete anos; sementes de nabo e rabanete recém-chegadas de Londres; uma casa de campo com todas as benfeitorias: duas estrebarias para cavalos e um lugar para cultivar maravilhosas bétulas ou um bosque de pinheiros; e ainda havia um aviso para que aqueles que quisessem comprar solas velhas, comparecessem todos os dias das 8 às 3 no mercadinho de trocas. A sala onde se encontrava toda essa gente era pequena e o ar ali estava excessivamente carregado, mas o assessor de colegiatura Kovalióv não podia sentir o cheiro, pois cobria-se com um lenço e o seu nariz se encontrava Deus sabe onde.

"Excelentíssimo senhor, permita-me lhe pedir... Realmente estou precisando", disse finalmente com impaciência.

"Já, já! Dois rublos quarenta e três copeques! Neste mesmo instante! Um rublo e sessenta e quatro copeques!", disse o funcionário grisalho, atirando os bilhetes na cara das velhas e dos porteiros. "E o senhor o que deseja?", disse finalmente dirigindo-se a Kovalióv.

"Eu lhe peço...", disse Kovalióv: "aconteceu uma fraude ou uma patifaria, até agora não consigo entender direito. Peço-lhe apenas que publique que aquele que me entregar esse canalha receberá uma razoável gratificação."

"Permita-me saber, qual é seu sobrenome?"

"Nada disso, para que sobrenome? Não posso dizer. Tenho muitos conhecidos: a mulher do conselheiro de Estado Tchertarióv, Palaguêia Grigórievna Podtótchina, mulher do oficial do Estado maior... Dá delas ficarem sabendo, Deus me guarde! O senhor pode escrever simplesmente: o assessor de colegiatura ou, ainda melhor, portador do grau de major."

"E o foragido, era seu criado?"

"Que criado o quê? Isso ainda não seria uma patifaria tão grande! Fugiu de mim... o nariz..."

"Hum! Que sobrenome esquisito! E esse sr. Narizis lhe roubou uma quantia muito grande?"

"Nariz, isto é... não é bem isso que o senhor está pensando! O nariz, meu próprio nariz desapareceu não se sabe para onde. O diabo quis se divertir às minhas custas!"

"Está bem, mas de que maneira desapareceu? Eu sinceramente não consigo entender muito bem."

"E não não consigo lhe explicar como, mas o fato é que ele agora deve estar circulando pela cidade e se autodenomina conselheiro de Estado. E por isso lhe peço que ponha um anúncio para que aquele que o encontrar o traga de volta o mais rápido possível. O senhor pode imaginar o que é ficar sem uma parte do corpo tão visível? Isso não é o mesmo que qualquer mindinho do pé que dentro do sapato ninguém vai ver se ele existe ou não. Todas as quintas-feiras freqüento a casa da esposa do Conselheiro de Estado Tchertarióv; Podtotchina Palaguêia Grigórievna, esposa do oficial do Estado maior, tem uma filha muito bonita e são também boas conhecidas minhas, e o senhor pode avaliar por si só como posso então... Não posso aparecer por lá agora."

O funcionário ficou pensativo, o que se notou por seus lábios fortemente comprimidos.

"Não, não posso colocar um anúncio desse no jornal", disse finalmente depois de uma longa pausa.

"Como? por quê?"

"Bem. O jornal pode perder a sua boa reputação. Se todo mundo começar a publicar que seu nariz fugiu, então... Assim mesmo, já dizem que estão sendo publicados muitos absurdos e falsos rumores."

Dito isto, saiu do jornal profundamente magoado e se dirigiu ao comissário de polícia.

Kovalióv entrou no exato momento em que o comissário se espreguiçava e, soltando um grasnido, dizia: Ah! Vou tirar uma soneca de duas horinhas!" E por aí se pode prever o quanto a chegada do assessor de colegiatura fora absolutamente inoportuna. O comissário era um grande admirador de todas as artes e manufaturas, mas preferia um bom dinheirinho a tudo mais. "Isto aqui sim", dizia sempre: "não há nada melhor do que isto: não pede comida, ocupa pouco espaço, sempre cabe no bolso, se cair não quebra".

O comissário recebeu Kovalióv com bastante frieza e lhe disse que depois do almoço não era hora de se fazer investigações e que a própria natureza determina que depois de comer bem é necessário descansar um pouco (por aí o assessor de colegiatura podia ver que ao comissário de polícia não eram desconhecidas as máximas dos antigos sábios), e que de um homem honrado não iriam arrancar o nariz, e que o mundo estava cheio de majores que não tinham sequer as roupas de baixo em bom estado e que freqüentavam os lugares mais suspeitos.

Isto é, acertou em cheio! [18] É necessário notar que Kovalióv era uma pessoa excessivamente suscetível. Era capaz de perdoar tudo que dissessem a seu respeito, mas nunca desculparia se isso se referisse ao seu grau ou ao seu cargo. Chegava a achar que nas peças de teatro se podia deixar passar tudo que se referisse aos oficiais subalternos, mas jamais deveriam atacar os oficiais superiores. A recepção do comissário deixou-o tão confuso que, sacudindo a cabeça e abrindo um pouco as mãos, exclamou cônscio de sua dignidade: "Confesso que depois de observações tão ofensivas de sua parte, não me resta mais nada a acrescentar..." e saiu.

Voltou para casa, mal sentindo as pernas. Anoitecia. Sua casa pareceu-lhe triste e terrivelmente repugnante depois de todas essas buscas inúteis. Ao entrar no vestíbulo, viu seu criado Ivan deitado de costas no sofá de couro sujo, cuspindo para o teto com tanta precisão que acertava sempre num único e mesmo lugar. Tamanha indiferença enfureceu-o; bateu-lhe com o chapéu na testa, dizendo: "Você, seu porco, sempre ocupado com besteiras!"

Ivan pulou imediatamente do lugar e precipitou-se para tirar a capa de Kovalióv.

O major entrou em seu quarto cansado e deprimido, atirou-se numa poltrona e, depois de alguns suspiros, disse:

"Meu Deus! Meu Deus! Por que toda essa desgraça? Se tivesse ficado sem um braço ou sem uma perna, ainda podia ser; sem as orelhas seria horrível, mas até isso seria suportável; mas sem nariz, um homem... só o diabo sabe o que é: um pássaro que não é pássaro, um cidadão que não é cidadão... simplesmente de se pegar e jogar pela janela! Ainda se tivesse sido cortado numa guerra ou num duelo, ou se fosse eu mesmo o motivo... mas desapareceu assim, sem mais nem menos, desapareceu de graça, a troco de nada! [19] Mas não, não pode ser", acrescentou ele depois de pensar um pouco. "É inacreditável que o nariz tenha desaparecido; é completamente inacreditável. Isto, provalmente, ou se passa em sonho ou é simples alucinação; pode ser que, por engano, ao invés de beber água, eu tenha bebido a vodka que costumo passar após a barba. O besta do Ivan não pegou e eu com certeza a peguei [20]."

---

[18] A expressão не в бровь, а прямо в глаз ("ni v bróv', a priámo v glaz") literalmente significa: "não na sobrancelha, mas diretamente no olho". Preferimos um correspondente popular em português: "acertou em cheio".

[19] A expressão за грош ("za grosh") é uma expressão popular ligada a "grosch" (moeda de valor baixo — v. nota 15), daí os seus possíveis significados: "por nada", "por uma bagatela", "o mínimo". Optamos por "a troco de nada" por haver certa referência semântica ao dinheiro expresso literalmente em russo pela palavra "grosch".

[20] Existe nesta frase um trocadilho com o verbo *pegar*: "O besta do Ivan não *pegou* e eu com certeza a *peguei*". Em russo o trocadilho se faz através de dois verbos: принять ("priniát") que significa pegar também no sentido de captar, entender; e do verbo схватить ("Skhvatit'") que significa pegar, agarrar com a mão, segurar e

E para certificar-se de que realmente não estava bêbado, o major se beliscou com tamanha força que chegou a gritar. A dor deixou-o absolutamente convencido de que estava vivendo em plena realidade. Aproximou-se com cautela do espelho e, a princípio, semicerrou os olhos na esperança de que talvez o nariz aparecesse no seu devido lugar; mas na mesma hora deu um salto para trás, dizendo: "Que coisa infame!"

Isto era completamente incompreensível. Se tivesse desaparecido um botão, uma colher de prata, um relógio ou qualquer coisa do gênero; mas desaparecer, desaparecer-lhe justamente o quê? E além do mais na própria casa!.... O major Kovalióv, considerando todas as circunstâncias, supôs quase com certeza que a culpada de tudo isso não podia ser outra senão a mulher do oficial do Estado-maior Podtótchin, que desejava casá-lo com a filha. Ele até que gostava de cortejá-la, mas do desenlace definitivo se esquivava. E quando a esposa do oficial do Estado Maior lhe anunciou, sem rodeios, que queria entregar sua filha a ele, muito habilmente esquivou-se com suas amabilidades, dizendo que ainda era jovem e que ele precisava servir mais uns cinco aninhos para que estivesse exatamente com quarenta e dois. E por isso, a dita cuja, provavelmente por vingança, decidiu arrasá-lo e para isso contratou algumas bruxas, pois de nenhuma forma se poderia admitir que o nariz fora cortado: ninguém havia entrado em seu quarto, o barbeiro Ivan Iákovlievitch fizera-lhe a barba ainda quarta-feira e durante toda a quarta-feira e até mesmo durante toda a quinta-feira o nariz estivera inteiro, — disto ele se lembrava e sabia-o muito bem; além do mais, deveria ter sentido alguma dor e, sem dúvida, a ferida não poderia ter cicatrizado tão depressa e ter se tornado chata como uma panqueca. Arquitetava planos em sua cabeça: chamar a mulher do oficial ao Tribunal através de

também captar. Daí a ambiguidade criada em russo numa frase bem mais concisa e enxuta sonoramente:
Иван-дурак не принял, и я верно схватил её ("Ivan-durák ni *priniál*, i iá vierno *Skhvatil* ieió").

uma intimação formal ou aparecer ele próprio em sua casa para surpreendê-la. Suas reflexões foram interrompidas por uma luz que brilhou através de todas as frestas da porta, o que indicava que a vela no vestíbulo já tinha sido acesa por Ivan. E logo depois apareceu o próprio Ivan trazendo-a diante de si e iluminando vivamente todo o quarto. O primeiro movimento de Kovalióv foi agarrar o lenço e cobrir o lugar onde, na véspera, ainda havia o nariz, para que o bobo do homem não ficasse de boca aberta ao ver aquela coisa estranha no seu senhor.

Mal Ivan tivera tempo de ir para o seu quartinho, quando se ouviu no vestíbulo uma voz desconhecida pronunciando: "É aqui que mora o assessor de colegiatura Kovalióv?"

"Pode entrar. O major Kovalióv está aqui", disse Kovalióv levantando-se apressado e abrindo a porta.

Entrou um funcionário da polícia de boa aparência, com umas suíças nem claras e nem escuras, as bochechas bem cheias; é aquele mesmo que no início da história estava parado no fim da ponte Issakievski.

"O senhor por acaso perdeu o seu nariz?"

"Exatamente".

"Ele já foi achado".

"O que é que o senhor está dizendo?", gritou o major Kovalióv. A alegria paralisou sua língua. Olhava estatelado para o oficial que se achava à sua frente e em cujos lábios cheios e em cujas bochechas refletia brilhante a luz trêmula da vela. "De que modo?"

"Por um estranho acaso: foi interceptado já a caminho. Estava sentado numa diligência e queria ir para Riga. E o passaporte há tempo fora expedido em nome de um funcionário. E o mais estranho de tudo é que eu mesmo, a princípio, o tomei por um senhor. Mas, por sorte, estava com meus óculos e logo percebi que era um nariz. Sabe, sou míope e se o senhor ficar na minha frente, só consigo ver que o senhor tem um rosto, mas não vou distinguir nem o nariz, nem a barba, nada. Minha sogra, quer dizer, a mãe de minha mulher, também não enxerga nada."

Kovalióv estava fora de si. "Mas onde está ele? Onde? Vou já correndo."

"Não se preocupe. Sabendo o quanto lhe era necessário trouxe-o comigo. E o mais curioso é que o principal culpado nesta questão é o vigarista do barbeiro da rua Vosnessênski que já está preso na Delegacia[21]. Há muito tempo eu já o tinha como suspeito de bebedeira e roubo, e faz três dias ele roubou numa lojinha um monte de botões. O seu nariz está exatamente como era."

Nisso, o policial enfiou a mão no bolso e tirou dali o nariz embrulhado num papel.

"É ele!", gritou Kovalióv: é ele mesmo! Tome hoje comigo uma xicarazinha de chá".

"Consideraria um grande prazer, mas não posso em absoluto. Daqui preciso passar ainda na cadeia... Subiu muito o custo de todos os mantimentos... E ainda mora comigo minha sogra, quer dizer, a mãe de minha mulher e os meus filhos; o mais velho, especialmente, me dá muitas esperanças: é um garoto muito inteligente, pena que não tenhamos meios para educá-lo".

Kovalióv entendeu, e enfiou na mão do policial um dinheirinho que ele apanhou de cima da mesa. O policial fez uma profunda reverência e saiu. E quase ao mesmo tempo Kovalióv ouviu sua voz na rua xingando um mujique estúpido que lhe deu um esbarrão com sua carroça bem naquela hora.

O assessor de colegiatura, após a saída do policial, ficou por alguns minutos num estado indefinido e só depois de alguns minutos voltou-lhe a capacidade de ver e de sentir, tamanho desvanecimento diante da alegria inesperada. Segurou com cuidado o nariz encontrado, com ambas as mãos, formando uma concha, e mais uma vez examinou-o com muita atenção.

"É ele, é ele mesmo!", dizia o major Kovalióv. "Olha aqui a espinhazinha do lado esquerdo que

[21] A tradução de на съезжей ("na siézgei") pode ser "na cadeia" ou "na delegacia". Trata-se do local para os presos na Rússia pré-revolucionária, espécie de delegacia de polícia.

tinha aparecido ontem". O major quase pôs-se a gargalhar de alegria.

Mas no mundo não há nada de eterno: e por isso, também a alegria no minuto que se seguiu ao primeiro já não era tão viva; no terceiro minuto ela se tornou mais fraca ainda e por fim, imperceptivelmente se fundiu com o estado de alma habitual, como o círculo que se forma na água com a caída de uma pedra e que acaba se fundindo com a superfície lisa. Kovalióv começou a refletir e chegou à conclusão que o caso não estava encerrado: o nariz havia sido encontrado, mas ainda era preciso colocá-lo, recolocá-lo no seu devido lugar.

"E se ele não pegar?"

Diante de tal pergunta feita a si próprio, o major empalideceu. Tomado por um sentimento de terror inexplicável lançou-se à mesa, aproximou o espelho para não colocar o nariz torto. Suas mãos tremiam. Com muito cuidado e atenção, recolocou-o no antigo lugar. Oh! que horror! O nariz não aderia!... Levou-o junto à boca, esquentou-o um pouco com sua respiração e tornou a aproximá-lo da superfície situada entre as duas bochechas; mas o nariz não se firmava de jeito nenhum.

"Vai, anda seu bobo, fica aí!", dizia para ele. Mas o nariz parecia ser de madeira e caía sobre a mesa com um barulho tão estranho como se fosse uma rolha. O rosto do major contraiu-se convulso. "Será que ele não vai aderir?", dizia assustado. Mas, por mais que tentasse levá-lo ao seu próprio lugar, os esforços eram sempre em vão.

Chamou Ivan e mandou-o atrás do médico que ocupava, naquela mesma casa, o melhor apartamento do andar superior. Este médico era um homem de boa aparência, tinha lindas suíças cor de piche e uma mulher viçosa e saudável; pela manhã comia maçãs frescas e mantinha a boca extraordinariamente limpa, enxaguando-a todas as manhãs durante quase três quartos de hora e polindo os dentes com cinco tipos de escovinhas diferentes.

O médico apareceu num minuto. Depois de perguntar há quanto tempo acontecera a desgraça, ergueu o major pelo queixo e deu-lhe um piparote tão

forte com o polegar justamente onde antes estava o nariz, que o major teve de jogar a cabeça para trás com tamanha força que bateu a nuca na parede. O médico disse que isso não era nada e, aconselhando-o a desencostar-se um pouco da parede, mandou inclinar a cabeça onde antes estava o nariz, disse: "Hum!" Em seguida mandou inclinar a cabeça para o lado esquerdo e disse: "Hum!" E, para terminar, deu-lhe de novo um piparote com o polegar de tal forma que o major Kovalióv deu um puxão com a cabeça como um cavalo quando lhe examinam os dentes. Feita esta prova, o médico balançou a cabeça e disse: "Não, não é possível. É melhor o senhor ficar assim mesmo porque senão poderá ser pior ainda. É claro que seria possível recolocá-lo; eu poderia até colocá-lo agora mesmo, mas lhe asseguro que isso seria pior para o senhor".

"Essa é muito boa! E como é que eu vou ficar sem nariz?" disse Kovalióv. "Pior do que está não pode ficar. Mas que diabo! Onde vou poder aparecer com tamanha infâmia? Tenho um bom relacionamento: pois veja, hoje mesmo precisaria comparecer ao sarau de duas casas. Tenho muitos conhecidos: a esposa do conselheiro de Estado Tchechtarev, a senhora Podtótchin, esposa de um oficial de Estado Maior... apesar de que depois de seu recente comportamento não tenho mais nada com ela, a não ser através da polícia. Faça-me uma caridade", falou Kovalióv com voz suplicante: "não haveria algum meio, ou algum modo de colocar, mesmo que não ficasse muito bom, mas contanto que se firmasse; eu poderia até mesmo ampará-lo de leve com a mão nos casos de perigo. E além do mais, eu nem danço, de modo que não terei possibilidade de prejudicá-lo com nenhum movimento descuidado. E no que se refere ao agradecimento por sua visita, pode estar certo de que farei tudo o que os meus meios permitirem..."

"Acredite o senhor", disse o médico com uma voz nem muito alta, nem muito baixa, mas extremamente persuasiva e magnética: "nunca atendo por interesse. Isto vai contra meus princípios e minha arte. É bem verdade que cobro as visitas, mas é simples-

mente para não causar ofensa com minha recusa. É claro que eu poderia recolocar o seu nariz, mas juro pela minha honra, se é que não acredita na minha palavra, que isto será muito pior. É melhor deixar por obra da própria natureza. Lave com mais freqüência com água fria e asseguro-lhe que sem nariz o senhor será tão saudável quanto se o tivesse. Quanto ao nariz eu lhe aconselho que o coloque num frasco com álcool, ou melhor ainda, ponha duas colheres de vodka e vinagre quente... e assim poderá conseguir um bom dinheiro por ele. Até eu poderia comprá-lo, se é que o senhor não vai pedir muito caro".

"Não, não! Não o vendo por nada!", gritou desesperado o major Kovalióv: "melhor que pereça!"

"Queira desculpar!", disse o médico despedindo-se, "eu só quis ser-lhe útil... Mas, que fazer! Ao menos, o senhor viu o meu esforço". Dito isto, o médico saiu do quarto com ar magnânimo. Kovalióv nem sequer reparara em seu rosto e, numa profunda impassibilidade, vira apenas os punhos da camisa branca e limpa com a neve que despontava das mangas de seu fraque negro.

Ele decidiu no dia seguinte, antes de apresentar queixa, escrever à esposa do oficial do Estado-maior, para ver se não concordaria em devolver, sem briga, o que lhe era devido. A carta era do seguinte teor:

Prezada senhora

Aleksandra Grigórievna

Não posso compreender a estranha atitude por parte da senhora. Esteja certa de que, procedendo de tal forma, não ganhará absolutamente nada e nem me obrigará a casar com sua filha. Acredite que a estória a respeito do meu nariz me é totalmente conhecida, bem como sei que as senhoras são as principais cúmplices, e ninguém mais. O súbito desprendimento de seu lugar, a fuga, o disfarce ora sob o aspecto de um funcionário, ora, por fim, no seu aspecto próprio, não pode ser outra coisa a não ser o resul-

tado de bruxarias executadas pelas senhoras ou por aqueles que, a vossa semelhança, praticam ações tão nobres. Eu, de minha parte, considero meu dever preveni-la de que se o citado nariz não estiver hoje mesmo no seu lugar, serei obrigado a recorrer à defesa e à proteção das leis.

Sem mais, com alta estima, tenho a honra de ser seu humilde servidor

Platon Kovalióv

Prezado senhor

Platon Kuzmitch

Sua carta deixou-se completamente pasma. Confesso-lhe com toda franqueza que jamais esperei tal coisa de sua parte, tanto mais acusações tão injustas. Previno-lhe que o funcionário a quem se refere nunca foi recebido em minha casa, nem disfarçado e nem no seu aspecto normal. É verdade que esteve em minha casa Felipe Ivanovitch Potantchikov. E embora ele realmente pretendesse a mão de minha filha e fosse de conduta digna e sóbria e de grande cultura, nunca lhe dei nenhuma esperança. O senhor ainda se refere a um nariz. Se entender por isso que eu pretendia deixá-lo com um palmo de nariz[22]*, isto é, dar-lhe uma recusa formal, então me surpreende que o senhor mesmo esteja falando nisso, uma vez que eu, como é do seu conhecimento, sou de opinião totalmente contrária, e se o senhor ainda quiser pedir a mão de minha filha oficialmente, estou pronta desde já a satisfazê-lo, pois este sempre foi o meu mais vivo desejo. Nesta esperança, fico sempre à sua inteira disposição*

Aleksandra Podtótchina

22 A expressão оставить вас с носом ("astávit' vás s nóssom") corresponde em português a "ficar de nariz comprido", ou "com palmo e meio de nariz", isto é, não alcançar o que se desejava. Está claro aqui o uso da expressão por Gógol como um jogo semântico com a palavra "nariz", eixo do conto.

"Não", dizia Kovalióv, depois de ler a carta. "Ela, realmente, não é a culpada. Não pode ser! A carta está escrita de tal modo que não pode ser de uma pessoa culpada de crime." O assessor de colegiatura era entendido nessas coisas, pois, muitas vezes, fora enviado à região do Cáucaso para investigações. "De que modo e por que cargas d'água isto aconteceu? Só o diabo sabe!", disse finalmente, deixando cair os braços.

Enquanto isso, os rumores acerca desse extraordinário acontecimento se haviam espalhado por toda a capital e, como é comum, não sem acréscimos especiais. Naquele tempo as mentes de todos estavam completamente predispostas para o inusitado: ultimamente experiências ocupavam-se do efeito do magnetismo. Além do mais, a estória das cadeiras dançantes na rua Kaníuchenaia[23] era ainda muito recente e, por isso, não era de se estranhar que logo começassem a falar que o nariz do assessor de colegiatura Kovalióv, às três horas em ponto, perambulava pela Avenida Niévski. Uma multidão de curiosos afluía todos os dias. Alguém disse que o nariz poderia estar na loja Junker: e formou-se tamanha multidão em volta da Iunker e um corre-corre que até a polícia teve que intervir. Um especulador de aparência respeitável, de suíças, e que vendia diversos tipos de pasteizinhos doces à entrada do teatro, fez especialmente uns bancos de madeira, sólidos e bonitos, e convidava os curiosos a subirem neles por oitenta copeques cada um. Um emérito coronel saiu, com este propósito, mais cedo de sua casa e com muita dificuldade conseguiu abrir caminho entre a multidão. Mas, para sua grande indignação viu na vitrine da loja, ao invés de um nariz, uma camiseta de lã comum e uma litografia com a imagem de uma jovem arrumando sua meia e um janota de colete aberto e de barbicha que olhava para ela por detrás

23 A "estória das cadeiras que dançavam na rua Kaniuchenaia" trata-se provavelmente de algo fantástico ocorrido na época, relacionado com magnetismo. Gógol faz alusão à curiosidade generalizada em Petersburgo pelas experiências sobre o "magnetismo animal" sobre o qual muito se escrevia nos jornais em 1832.

de uma árvore: um quadro que já estava há mais de dez anos pendurado sempre no mesmo lugar. Afastando-se, disse com desdém: "Como é possível confundir o povo com rumores tão tolos e inverossímeis?" — Depois correu o rumor de que não era na Avenida Niévski que o nariz do major Kovalióv perambulava, mas sim no jardim Tavrítcheski, e, segundo parecia, estava lá já há muito tempo e até mesmo quando ali ainda vivia Khósrev-Mirzá[24], este admirava muito aquele estranho capricho da natureza. Alguns estaudantes da Academia de Cirurgia dirigiram-se para lá. Uma ilustre e respeitável senhora pediu através de uma carta especial ao supervisor do jardim que mostrasse aos seus filhos aquele raro fenômeno e, se possível, com uma explicação edificante e instrutiva para os jovens.

Com todos esses acontecimentos, todos aqueles mundanos, freqüentadores obrigatórios dos saraus, que gostavam de fazer rir as damas e cujo repertório de piadas, naquela ocasião, estava completamente esgotado, sentiram-se particularmente contentes. Uma pequena minoria de gente respeitável e bem intencionada estava extremamente descontente. Um senhor dizia, com indignação, não entender como no atual século esclarecido se propalavam invenções tão absurdas, e admirava-se de que o governo não tomasse providências. Este senhor, pelo visto, pertencia àquela categoria de pessoas que gostariam de envolver o Governo em tudo, até mesmo nas suas brigas diárias com a mulher. Depois disso... mas aqui novamente todo o acontecimento se encobre por uma névoa e não se sabe absolutamente o que aconteceu depois.

III

Cada uma que acontece neste mundo. Às vezes sem nenhuma verossimilhança: de repente, aquele mesmo nariz que circulava como conselheiro de Estado e que causara tanto barulho na cidade, viu-se,

24 Rhosróv-Mirza foi um príncipe persa; chefiou a embaixada que se estabeleceu na Rússia em agosto de 1829 depois do assassinato na Pérsia do enviado russo A. S. Griboiédov.

como se nada tivesse acontecido, no seu próprio lugar, ou seja, entre as duas bochechas do major Kovalióv. Isto ocorreu no dia 7 de abril. Tendo acordado e olhado por acaso no espelho, ele viu: o nariz! Pôs a mão — com efeito, o nariz! "Arre!", diz Kovalióv, e, de alegria, por pouco não sai em disparada descalço pelo quarto dançando o tropák[25], mas Ivan, que entrava naquele instante, atrapalhou-o. Disse-lhe que queria lavar-se imediatamente e, enquanto se lavava, deu mais uma olhada para o espelho: era o nariz. Enxugando-se com a toalha, novamente olhou para o espelho: era o nariz.

"Dê uma olhada, Ivan, parece que tenho uma espinhazinha no nariz", disse ele, pensando entrementes: "que desgraça se Ivan disser: qual nada, meu senhor, não tem espinha e tão pouco nariz!"

Porém Ivan disse: "não tem nenhuma espinha não: o nariz está limpinho!"

"Está bem, que diabo!", disse o major a si mesmo e estalou os dedos. Nesse momento espiou pela porta o barbeiro Ivan Iákovlievitch, mas tão tímido como uma gata que acabou de apanhar por ter roubado toucinho.

"Diga primeiro: as mãos estão limpas?", gritava-lhe Kovalióv ainda de longe.

"Estão limpas".

"Mente!"

"Juro por Deus, estão limpas meu senhor."

"Bem, veja lá!"

Kovalióv sentou-se, Ivan Iákovlievitch cobriu-o com um guardanapo e, num instante, com o auxílio do pincel, transformou toda sua barba e parte das bochechas num creme semelhante ao que é servido nas festas de aniversário dos comerciantes. "Ora veja!", disse consigo mesmo Ivan Iákovlievitch ao ver o nariz, e depois virou a cabeça para o outro lado e o olhou de lado: "Ora! quem diria", continuou e ficou olhando para o nariz um bom tempo. Por fim, com muita suavidade e com um cuidado que não se pode nem imaginar, ergueu dois dedos com a

25 Provavelmente de "trepák", trata-se de dança e música populares russas.

intenção de apanhá-lo pela ponta. Era esse o sistema de Ivan Iákovlievitch.

"Ôpa, Ôpa! Olha aí!", gritou Kovalióv, Ivan Iákovlievitch até deixou cair os braços e ficou perplexo e confuso como jamais ficara. Por fim, com cautela, começou a roçar a barba com a navalha, muito embora não lhe fosse nem um pouco cômodo e até difícil barbear sem segurar o órgão do olfato. Todavia, mal apoiando seu áspero polegar na bochecha e na mandíbula, finalmente venceu todos os obstáculos e conseguiu barbear.

Quando tudo estava pronto, Kovalióv na mesma hora correu a vestir-se, pegou um fiacre e foi direto a uma confeitaria. Ao entrar, gritou já de longe: rapaz uma xícara de chocolate! E no mesmo instante, lá estava ele no espelho: o nariz estava. Virou-se para trás alegremente e, com uma expressão satírica, semicerrando um pouco os olhos, olhou para dois militares, um dos quais tinha um nariz não maior do que um botão de colete. Depois disso, dirigiu-se ao escritório do Departamento onde pleiteava o posto de vice-governador, ou, em caso de insucesso, o de executor. Ao passar pela recepção, deu uma olhada no espelho: o nariz estava. Em seguida, foi visitar um outro assessor de colegiatura ou major, grande gozador, a cujas observações provocativas ele freqüentemente respondia: "Ah, você, conheço bem, você é espeto!". [26] Pelo caminho pensou: "e se também o major não se arrebentar de rir ao ver-me, então é um sinal evidente de que tudo, tudo está em seu devido lugar". Mas o assessor de colegiatura não disse nada. "Muito bom, muito bom, com os diabos!", pensou consigo mesmo Kovalióv. No caminho encontrou a esposa do oficial do Estado-maior Podtótchin com a filha; cumprimentou-a e foi acolhido com exclamações de alegria. Então estava tudo bem, não havia nele nenhum defeito. Ficou falando com elas um bom tempo e, de propósito,

[26] шпилька ("chpíl'ka") literalmente: grampo de duas pontas para prender cabelo, tranças, etc. No texto, a palavra tem um tom pejorativo e brincalhão que transpusemos em português por "espeto": "Você é espeto".

tirando a tabaqueira, ficou diante delas mais outro tempo enchendo ambos os orifícios do nariz com tabaco e dizendo para si mesmo: "Olha aqui para vocês, sua bobas [27], sua galinhas! E com a filha, não casarei mesmo. Agora assim, "par amour" — às ordens!" E desde então, o major Kovalióv deu de andar pela Avenida Niévski como se nada tivesse acontecido, e também pelos teatros e por toda parte. E também o nariz, como se nada tivesse acontecido, estava firme em seu rosto, sem demonstrar sequer ter-se ausentado dali. E depois de tudo aquilo, o major Kovalióv era sempre visto de bom humor, sorridente, perseguindo decididamente todas as mulheres bonitas. Foi até visto certa vez em frente a uma lojinha, no Pátio do Comércio [28], comprando uma fita qualquer de condecoração, não se sabe bem para que finalidade, pois não era cavaleiro de nenhuma ordem.

Vejam só que estória foi acontecer na capital setentrional de nosso vasto império! Só agora, refletindo bem sobre tudo, vemos que há nela muito de inverossímel! Sem falar que é realmente estranho o desprendimento sobrenatural do nariz e o seu aparecimento em diversos lugares, sob a forma de conselheiro de Estado... como Kovalióv não se deu conta de que era impossível anunciar sobre um nariz no jornal? Não quero dizer com isso que o anúncio tenha me parecido muito caro: seria um absurdo e não sou em absoluto uma pessoa avarenta. Mas é indecoroso, incômodo, indecente! Além do mais, como é que o nariz foi parar no pão assado e como é que o próprio Ivan Iákovlievitch?... Não, não entendo isso de jeito nenhum, decididamente não entendo! Mas o que é mais estranho, ainda mais

[27] бабьё ("babió") de баба ("bába") terminologia usada no campo para mulher": "Bába" para "mulher" e "mujik" para o "Homem". No texto adquire um tom pejorativo-depreciativo: poder-se-iam adotar as seguintes variantes: "Ó donas", "mulherio", caipiras". Talvez "bobas" ofereça a vantagem da aproximação sonora com o termo russo.
[28] в гостином дворе ("v gastínom dvoré") pátio do comércio. Trata-se de um espaço construído em algumas cidades antigas com espécies de bancos para comércio, geralmente feitos de pedra.

incompreensível de tudo é como os autores podem escolher semelhantes assuntos. Confesso que isto é absolutamente inconcebível, parece que... não, não, não entendo em absoluto. Em primeiro lugar, não traz benefício nenhum para a pátria; em segundo... bem, em segundo lugar também não há benefício algum. Eu simplesmente não sei o que é isto...

Mas, apesar de tudo, muito embora se possa, sem dúvida, admitir isso, aquilo, e mais aquilo, pode ser até... bem, e onde é que não extistem absurdos? — E, não obstante, se refletirmos bem sobre tudo isto, na verdade, há algo. Digam o que disserem, mas tais fatos ocorrem no mundo; é raro, mas ocorrem.

Nota ao Conto "O Nariz"

O conto "O Nariz" foi publicado pela primeira vez na revista "O contemporâneo" em 1836, tomo III, com notas de redação de A.S. Púshkin: "N.V. Gógol por muito tempo não permitiu a publicação desta pilhéria, mas nós encontramos nela tanto de inesperado, de fantástico, de divertido e de original que o persuadimos a nos permitir compartilhar com o público o prazer que nos causou o original".

Gógol, ao que parece, começou o seu conto no final do ano de 1832 e terminou o trabalho da primeira edição no início de 1835. Ele se propôs primeiramente a publicar "O Nariz" na revista "O observador moscovita". Enviando em 18 de março de 1835 o original a M.P. Pogodin, Gógol escreveu: "Se por acaso a sua tola censura se referir ao fato de que um nariz não pode estar na catedral de Kazan, então, por obséquio, queira conduzi-lo a uma católica. Por sinal, eu não acho que ela tenha caducado a tal ponto".

A redação de "O observador moscovita" não publicou o conto, pois, segundo atesta V. Bielínski, foi classificado de "sujo".

Em janeiro de 1836 Gógol enviou o conto modificado à revista "O contemporâneo" de Púshkin.

A censura tratou esta obra de Gógol de maneira bastante rigorosa. No texto impresso pela primeira

vez o encontro do major Kovalióv com o nariz foi obrigado a ser transferido da Catedral para o Pátio do Comércio; além disso, foi retirada a passagem sobre o suborno do funcionário da polícia pelo major Kovalióv, e eliminada uma série de alusões satíricas sobre a época.

Em nossa tradução os cortes da censura estão reintegrados de acordo com algumas edições soviéticas que se basearam no manuscrito de Gógol.

Na primeira redação, o fantástico dos acontecimentos era explicado no final do conto pelo sonho do major Kovalióv.

Ao publicar "O Nariz" em "O Contemporâneo", Gógol modificou o final do conto. Retirando a motivação realista tradicional dos "acontecimentos inverossímeis", ele acrescentou ao seu conto um epílogo irônico, acentuando o caráter satírico de "O Nariz". Este epílogo foi motivado por ataques do jornal "Abelha do Norte" (1834, n.º 192, 27 de agosto) aos "Contos de Bielkin", de Púshkin. O crítico do jornal escreveu a propósito de "O fabricante de ataúdes", de Púshkin: "Terminar o conto com o despetar do herói é um meio seguro de entediar o leitor. O sonho — que intriga é essa? O despertar — que intriga é essa? Além disso, esta espécie de sonhos aparece tão freqüentemente nos contos que este procedimento está bastante desgastado".

Em 1841-1842, preparando a edição do terceiro tomo de suas "Obras", Gógol novamente modificou o final do conto, tendo escrito o último capítulo (a conversa com Ivan, a sua ida à confeitaria, o encontro com a senhora Podtótchina, a mulher do oficial de Estado-maior e sua filha). Em nova redação de "O Nariz", a conclusão polêmica foi reduzida consideravelmente.

Em 1839, V. Bielínski em sua crítica na revista "O Contemporâneo" apontou a tipicidade da figura do major Kovalióv para um Estado como o russo: "Vocês conhecem o major Kovalióv? — perguntou Bielínski. — Porque ele interessou tanto a vocês, por que ele causa tanto riso com o fato extraordinário do seu desgraçado nariz? Pois ele não é o major Kovalióv, mas majores Kovalióv, e então, depois de co-

nhecê-lo, se vocês encontrarem simultaneamente toda uma centena de Kovalióv, imediatamente vocês os reconhecerão e os distinguirão no meio de mil".

A modificação do conto em 1842 suscitou a seguinte apreciação de Bielínski em sua resenha: "O Nariz", este arabesco esboçado pela pena do grande mestre é muito significativo e esta foi a melhor variante para o seu desenlace".